



XIV ANPED-CO

XIV ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO CENTRO OESTE

3496 - Trabalho Completo - XIV ANPED-CO (2018)

GT 02 - História da Educação

A MEMÓRIA DA MINHA ESCOLA: CASOS, PERSONAGENS E LUGARES POSSÍVEIS

Jéssica Lima Urbietta - UFMS - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Abigail Ferreira Alves Astofe - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

Bárbara de Carvalho Ortega - UFMS/Campus de Campo Grande - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul

O presente trabalho perquire compreender os aportes e limites que as fontes primárias oferecem para a pesquisa da historiografia educacional. A pesquisa adota para a discussão a escrita de impressos estudantis redigidos por instituições de ensino no período delimitado de 1930 a 1945. A investigação se inscreve no caráter bibliográfico e documental, a fim de reunir elementos para análise dessa fonte, compreendida para a discussão como memorialística. Para o trabalho com as fontes mencionadas, incursionou-se um diálogo com estudos historiográficos e sociológicos, em especial no aporte sociológico de Pierre Bourdieu (1989; 1996). Os resultados sinalizam para a potencialidade que a fonte primária pode oferecer diante das pesquisas na historiografia educacional, à medida que, o pesquisador opere com um olhar rigoroso frente aos elementos que compõe a narrativa da memorialística. Os impressos estudantis produzidos por instituições de ensino se inscrevem, como fonte reveladora dos acontecimentos, personagens e lugares que compõe o sentimento de identidade dos estabelecimentos educacionais.

Palavras-chave: Fontes. Memória. Identidade. Impressos Estudantis.

1. Introdução

Este trabalho se inscreve na tentativa de elucidar os aportes e os limites identificados na pesquisa da historiografia educacional com fontes primárias, ou seja, aquelas fontes que não receberam qualquer tratamento teórico-metodológico de análise. Dentre essas obras, destaca-se a figura do memorialista e de sua memória, que mesmo não tendo o rigor acadêmico solicitado para a promoção do conhecimento sobre determinado objeto de pesquisa, aciona elementos que propiciam aparatos importantes para se pensar temáticas variadas, dentre elas, a da educação.

A discussão sobre a possibilidade de inserção dessa escrita em estudos historiográficos já vem sendo tematizada e, falar em memória, fontes autobiográficas, fontes orais, entre outras, é falar sobre casos, personagens e lugares possíveis de serem analisados.

Com efeito, a escolha de periódico, jornais e impressos estudantis produzidos entre os anos de 1930 a 1945 como fonte de pesquisa relaciona-se com a perspectiva de que como material referente à instituição, as representações dispostas por seus autores permitem uma ampla abordagem sobre o fenômeno educacional. Logo, admite-se que o estudo das relativas práticas que dali se observam são capazes de veicular ideologia, ideais dos alunos, de professores e da educação no período compreendido.

Para a discussão, foram adotados os estudos de Pierre Bourdieu, ao passo que, estes proporcionam um leque de categorias de análise, que nos auxilia numa compreensão ampla do mundo social, visto que, o autor supramencionado conduziu estudos em diferentes campos, como: o esporte, a televisão,

as artes, a literatura, entre outros.

Em síntese, a escrita divide-se em dois momentos: o primeiro, em que se incursiona pelo aporte teórico-metodológico de Pierre Bourdieu, a fim de dialogar com as perspectivas do trabalho do pesquisador diante das páginas, relatos e entrevistas como fontes primárias, que auxiliam na análise das instituições de ensino e, conseqüentemente amplia as possibilidades de problematizações sobre o campo educacional; e o segundo, em que se discorre sobre o uso de fontes primárias na construção de um sentimento de identidade.

2. A história a ser lembrada: os critérios da memória

O primeiro momento destina-se a identificar e compreender quais os percalços e possibilidades para o uso dessas fontes nas pesquisas da historiografia educacional, principalmente ao reportarmos aos impressos estudantis, que versam de publicações de alunos de determinadas instituições de ensino do País.

A constituição da memória parece ser um fenômeno particular, um elemento construído intimamente, característico de cada pessoa. Mas, Maurice Halbwachs em sua obra intitulada "A memória coletiva" de 1990, sublinha que a memória deve também ser compreendida, sobretudo, como um feito construído social e coletivamente entre os pares, como um elemento amparado coletivamente e que é submetido a constantes flutuações em seu meio.

Para a análise de uma fonte primária, aqui abrangida como as fontes memorialísticas, devemos considerar alguns elementos presentes na constituição de uma memória. O primeiro deles, trata-se da característica flutuante e mutável, ou seja, dotada de uma característica instável, a memória individual e coletiva, se subscree por meio de marcos relativamente invariantes, que não necessariamente seguem a ordem cronológica dos fatos, e que funciona como um trabalho de solidificação da memória, "É como se, numa história de vida individual [...] houvesse elementos irredutíveis em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças." (POLLAK, 1992, p. 2).

Estamos diante da possibilidade de determinado número de elementos tornar-se realidade, ao passo que, passam a fazer parte da essência da pessoa, mas que, por outro lado, outros acontecimentos possam se modificar. Essa mudança pode acontecer por meio do movimento que os pesquisadores encaminham a sua proposta ou mesmo em função do movimento da fala do memorialista diante de seus respectivos interesses de escrita e/ou fala.

O segundo fenômeno diz respeito aos vestígios datados da memória. Com isso queremos dizer que, em função da experiência de um agente, e de sua inscrição na vida pública, datas que dizem respeito a sua vida pública e vida privada, ora são assimiladas, ora são separadas e até mesmo abandonadas em seu relato. Pollak (1992) nos brinda com o exemplo de suas entrevistas com donas de casa da Normandia que passaram pela guerra, no qual as datas precisas identificadas em suas falas desembocavam em relatos da vida familiar (vida privada), pois havia imprecisão quanto as datas da vida pública, ou seja, aquelas ligadas à vida política.

A memória é em parte herdada, esse é um terceiro elemento que destacamos como pano de fundo das análises com fontes primárias. Esta sofre alterações diante do momento que é proferida, pois as interferências do período em que se fala constituem um artefato de estruturação da memória individual e coletiva. Por estruturação, entendemos que a memória é organizada e constitui um objeto de disputa importante do momento em que é articulada para serem gravadas nas recordações de um grupo social. Seu caráter se desenvolve como fenômeno construído conscientemente ou inconscientemente, ou seja, organizado em função das preocupações pessoais e políticas de determinado momento histórico e, o que ela, "[...] grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização". (POLLAK, 1992, p. 4-5).

Estes dados que evidenciam a construção de uma memória como fenômeno organizado social e individualmente, decorrem da estreita relação entre a memória e o sentimento de identidade. Contudo, nos limitaremos ao presente tópico a identificação dos elementos constitutivos da memória para não incorrer o perigo da "ilusão biográfica"^[1].

No processo de compreender como uma memória se compõe, torna-se relevante saber como operar com tais fontes para a construção de resultados relevantes para a pesquisa. Assim, na obra intitulada "O

Poder Simbólico”, Bourdieu (1989) dá indícios de seu trabalho sociológico voltado para um projeto científico com rigor, ao passo que revela o desejo de inculcar nos pesquisadores atitudes que capacite-os a apreender a pesquisa como uma atividade racional, isto é, que constitua uma tomada de postura realista dos conhecimentos buscados e, que não vá ao encontro da “busca mística” pelo objeto e resultados calculados. Para que o pesquisador não caia na ilusão da pesquisa, da conformação que depende dela, o autor mencionado indica como necessária à busca e exercício de seu ofício, o do investigador realista.

A proposta é pela adoção de uma postura de “objetivação participante”, em que promove uma ruptura em relação à experiência subjetiva imediata do pesquisador com o seu objeto. Essa ruptura seria a condição primeira para um conhecimento científico do mundo social. Faz-se pertinente nesse processo, investigar as estruturas sociais que organizam e que estruturam a experiência subjetiva.

Destaca-se com essa abordagem, o problema que surge a um objeto, esta precisa ter sua resposta buscada nos grandes e pequenos fatos, ações e coisas que se originam de um campo, tendo vista o campo como espaço social de relações objetivas. Sendo assim, a ciência precisa apreender a dupla necessidade da obra, a necessidade interna, que não é autossuficiente e que carece da necessidade externa para ser compreendida em sua trajetória e campo.

Entende-se que a análise da essência é insuficiente para explicar o produto, torna-se importante traçar a relação com o movimento histórico que acompanha o processo de autonomização do campo de produção que ela supõe, resultado de lutas destes universos relativamente autônomos. Assim, para Bourdieu (1989) esse processo histórico desempenha o papel de, em suas palavras, “abstrator de quinta-essência”, ou seja, a análise da história do campo é a forma autêntica da análise da essência.

Por conseguinte, trabalhar com fontes regionais memorialísticas nos parece pertinente, desde que se opere um olhar rigoroso, uma vez que se trata de um campo ainda pouco explorado em estudos científicos. Desse modo, é uma fonte de pesquisa instigante, pois retrata momentos da história pela voz dos sujeitos que presenciaram os fatos relatados.

Parece-nos relevante [...] destacar a importância da literatura regional como fonte de informações sobre as diferentes temáticas e problemáticas educacionais nas diversas partes de nosso vasto território nacional. Essa questão vem sendo apenas recentemente tematizada na historiografia da educação brasileira, que tendeu a centrar-se nas regiões hegemônicas do país, de onde se irradiam as novas ideias e os modelos culturais. (XAVIER, 2008, p. 238).

Destarte que, a partir da análise científica das fontes o pesquisador consegue captar informações não presentes nas produções historiográficas oficiais, pois o memorialista, o biógrafo, ao relatar as experiências vividas, têm mais liberdade. Ao mesmo tempo em que escreve por diletantismo, tem interesses ideológicos de registrar feitos e personalidades que considera relevantes para a história de sua época, conseqüentemente, as biografias são trazidas com maiores detalhes.

3. Os valores em disputa nos impressos estudantis: o sentimento de identidade

O presente tópico, tem por objetivo identificar e analisar os critérios que auxiliam as fontes primárias de análise a constituírem um sentimento de identidade sobre seu tempo. Os critérios que elencamos para a discussão, retomam a abordagem feita por Pollak (1992) no trabalho intitulado “Memória e identidade social”, quais sejam: acontecimentos, personagens e lugares.

Os acontecimentos, primeiro critério da constituição da memória e o sentimento de identidade, sendo estes vividos pessoalmente ou “por tabela”^[iii], interferem direta ou indiretamente a produção de uma lembrança. Esta última apresenta-se como revestida de significações sociais e interesses ideológicos transpostos em suas páginas e, selecionadas para determinados fins educativos, políticos e sociais.

Igualmente, estão correlacionados aos personagens contribuidores para a construção dos fatos e das memórias. Os agentes envolvidos na promoção de uma memória, carregam consigo a ação de suscitar acontecimentos e elementos de uma visão particular do mundo, resultantes de subjetividade e de interesses a que estão vinculados. No caso dos impressos estudantis, os estudantes constituem esses personagens, tendo claro a ideia de que a seleção do material que seria destinado ao periódico era de responsabilidade da escola. (CAPELATTO, 1988).

Em um plano maior, a imprensa por trazer das produções dos jovens pelo país, apresenta-se como elemento e meio de difusão social, ou seja, a explicação para profusão desses materiais impressos

entre os anos de 1930 a 1945 está no fator de crescente participação social e política dos estudantes no período mencionado. Ela se fortalecia como meio de comunicação social fundamental, a serviço dos mais diversos interesses de instituições escolares e grupos sociais. (AMARAL, 2003).

Em suma, ponderamos sobre a existência de lugares de memória. Esses lugares são individualmente relacionados a uma recordação que pode ser uma recordação pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico, no caso do presente trabalho, a “memória da minha escola”^[iii]. Há, porém, outras questões a serem ponderadas, que dizem sobre suas limitações e desafios. Os jornais carregam em suas páginas indícios de práticas e pensamentos considerados relevantes por um grupo social, em determinado tempo e contexto. Não são quaisquer práticas que ocupam suas páginas, mas práticas selecionadas para serem registradas e compartilhadas.

O sentimento de identidade, compreendido como construção e organização da imagem de si, para si e para os outros, incita-nos a refletir sobre a construção deste sentimento na forma institucional, já que os materiais são frutos de atividades pedagógicas de algumas escolas que adotaram esse exercício de disseminação. Tal pleito, provém das análises do periódico estudantil como espaço de consolidação material de ideais advindas de determinado espaço escolar, com características dotadas de interesses próprios e estratégias específicas de disseminação do conteúdo proposto e, por meio disso, se revestem como formadores de um sentimento de identidade, não pessoal, mas de sua instituição em si.

O sentimento de identidade aqui abarcado, pondera sobre a aquisição da imagem que a instituição escolar adquiriu no seu período de funcionamento: a imagem que ela constrói e apresenta aos demais sobre si, a fim de confiar na sua representação e ser percebida da maneira que deseja ser lembrada e conhecida pelos demais.

A seleção desse material está intimamente ligada com a construção da autoimagem. Esta, porém, não está isenta de mudanças, negociações e de transformações em função dos outros, à medida que percebemos a memória e identidade com a possibilidade de serem negociadas, pois “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”. (POLLAK, 1992, p. 5).

Em suas páginas, a busca é por apresentar o contexto escolar em que estão inseridos por meio de transcrição de ocorrências, imagens que correspondem suas falas, artigos sobre temáticas variadas e apontamentos sobre a própria instituição, ou seja, apresentam elementos para se pensar o fazer pedagógico da educação de seu tempo e espaço e, para tanto, legitimar sua identidade no campo educacional.

A escolha das instituições na escrita dos impressos pelos estudantes, abre caminho para diferentes questionamentos sobre quem ganha espaço de fala na imprensa. Estes passaram a ser acionados a falar, colocados no processo noticioso como porta-voz dos discursos, alocados em evidência o papel daquele que fala nas páginas dos impressos estudantis. Os materiais impressos regidos por esses agentes ganham importância em estudos históricos e ajudam-nos a pensar no contexto social e educacional e, como estavam sendo mobilizados em determinado período.

Mediante o exposto, cabe ressaltar a importância de usar criticamente tais materiais de análise, ao passo que, a memória e seus agentes representam em seus escritos um determinado momento da história. Além disso, o agente que se lembra utiliza suas experiências, ou seja, na composição de sua obra irá revelar acontecimentos que lhe compõe a memória individual, usando a sua subjetividade na composição da obra.

4. Conclusão

O presente texto teve como escopo identificar e analisar as contribuições e possibilidades das pesquisas com fontes primárias de análise, sobretudo de impressos estudantis desenvolvidos entre os anos de 1930 a 1945 no campo educacional, visto que, o uso de impressos estudantis tem sido recentemente tematizado como potenciais fontes de pesquisas no âmbito da História da Educação.

Diante das discussões com o referencial teórico de Pierre Bourdieu e demais autores mencionados em um exercício de revisão bibliográfica, identificamos a possibilidade do trabalho com tais fontes, compreendidas em nossa escrita como memorialística, pois possibilitam uma maior aproximação ao contexto educacional de determinado período, na voz de agentes sociais pouco cultivados nos estudos

educacionais, queremos dizer, os estudantes.

A confecção desse material impresso apresenta-se como revestido de significações sociais e interesses ideológicos, transpostos em suas páginas e, selecionadas para determinados fins educativos, políticos, que são, contudo, resultado de seu tempo, na medida em que não está somente relacionado ao ato de transmissão de informações. Logo, há maiores condições de leitura de um período e espaço social, quando adotamos para a investigação uma fonte que observe questões mais causais de seu tempo.

Desta maneira, os discursos empreendidos por tais fontes dizem respeito a uma diversidade de interesses que correspondem a diferentes posições no campo social, ou seja, quem dirige possui uma posição na produção do material, ao passo que, quem escreve e aqueles a quem são destinados compõe a estrutura desse campo. Igualmente, os impressos estudantis são capazes de veicular ideologias de um tempo e espaço, além de englobar a comunidade escolar, afim de mobilizar possibilidades de leitura das relações desempenhadas entre a escola e o discente, e escola e imprensa. Essas características são possíveis de serem analisadas desde que o pesquisador opere o exercício de identificar os elementos que compõe a memória dos agentes, grupo social ou instituição analisada e, relativize as informações coletadas.

Referências

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos pelados x galinhas gordas**: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas (décadas de 1930 a 1960). Porto Alegre: Ufrgs, 2003. 338f. Tese (doutorado em educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. Trad. Marisa Corrêa. 9. ed. Campinas/SP: Papirus, 1996. p. 74-82.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAPELATTO, M. H.R. Imprensa e História do Brasil. São Paulo: Contexto - EDUSP, 1988.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004. P. 29-94.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. Estudos históricos. Rio de Janeiro. V. 5. n. 10, 1992.

XAVIER, Maria Elizabete Sampaio Prado. **A educação na literatura do século XIX**. Campinas/SP: Alínea, 2008.

[i] Bourdieu (1996) considera que o pesquisador precisa se distanciar dos jogos de posição que o narrador das memórias mobiliza nas ações em determinado campo, ao passo que, considera-se que em cada campo há uma crença coletiva ligado a interesses e vantagens específicos do campo. O papel do pesquisar seria se distanciar dessa crença, ou seja, dessa *illusio* e, ao mesmo tempo, fazer dela seu objeto de estudo, a fim de compreender a multiplicidade de mediações complexas e contraditórias que se exprimem na realidade objetiva da sociedade.

[ii] São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que no imaginário tomaram tamanho relevo que no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. (POLLAK, 1992).

[iii] A temática intenciona para a possibilidade de pesquisa com impressos estudantis para leituras sobre instituições escolares entre os anos de 1930 a 1945.